

DAVID BOWMAN: HERÓI MÍTICO

Anacã Rupert AGRA¹

RESUMO

Nesse texto, são discutidas as características do herói mítico através de uma comparação entre David Bowman (herói do Romance e do Filme *2001: Uma Odisséia no Espaço*) e os heróis míticos, principalmente Aquiles. A partir da revisão dessas características, examina-se de que forma Bowman pode ser visto como um herói mítico moderno.

Palavras-chave: Herói mítico; herói moderno; estudos comparados; Aquiles; David Bowman.

ABSTRACT

On this paper, the characteristics of the mythic hero are discussed through a comparison between David Bowman (the hero of both the Novel and the Film *2001: A Space Odyssey*) and the mythic heroes, especially Achilles. From these characteristics, we examine in which way Bowman can be seen as a modern mythic hero.

Keywords: Mythic hero; *2001*; comparison; Achilles; David Bowman.

2001: Uma Odisséia no Espaço, o filme, produzido em 1968, causou grande impacto na época por sua inovação técnica e artística. O filme não é uma adaptação propriamente dita do romance, pois as duas obras foram desenvolvidas em conjunto pelos dois autores (Stanley Kubrick, filme; Arthur C. Clarke, romance) ao mesmo tempo.

Embora não tenha sido compreendido na época, por grande parte da crítica especializada, o filme se tornou um marco na história do cinema, e o romance, um dos clássicos modernos da ficção científica.

Uma das forças motrizes da obra *2001*² reside em uma das personagens principais, o computador HAL 9000, talvez a personagem mais “humana” da obra, e a mais estudada, em geral, pelos críticos. Na maioria dos textos sobre *2001* (inclusive no livro do próprio Clarke, *Os mundos perdidos de 2001*), não se fala muito sobre David Bowman, a personagem realmente principal da obra, talvez por se tratar de um homem, de carne e osso, o astronauta que comanda a nave.

Pretendemos, neste trabalho, realizar uma análise comparativa entre os heróis míticos (principalmente Aquiles³), e David Bowman, para demonstrarmos como o herói de *2001* pode ser visto como um herói mítico, dentro do que é considerado, pelos teóricos especializados, um típico “herói mítico”.

David Bowman é o herói de *2001*. Embora não ocupe toda a história, ele ocupa quase por completo a terceira e quarta partes do filme e as partes III, IV, V, e VI do romance. Ele também é a personagem mais importante na trama, pois é o único a realizar a viagem ao desconhecido, tornando-se o ponto final da obra. Apenas com a transformação de David Bowman a obra se completa.

Para ser o herói, no entanto, não basta ser a personagem principal; o herói precisa ser a personagem do bem, precisa lutar contra o mal e sobrepujá-lo. David Bowman realiza bem esse trabalho, lutando contra seu oponente, HAL 9000.

Mas antes de analisar o papel de Bowman como herói de *2001*, precisamos saber como a trama se desloca até o ponto em que o herói aparece. *2001* começa quatro milhões de anos no passado, numa terra um tanto desértica em que os homens-macaco passam

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

² Chamaremos de *2001* as duas obras, tanto romance quanto filme, como se fossem uma obra só. Entretanto, quando for necessário, explicitaremos a obra a que nos referimos, filme ou romance.

³ Para isso, tomamos como base o Aquiles da *Ilíada*, da tradução feita por Haroldo de Campos.

dificuldades, principalmente quanto à alimentação e quanto à proteção. A história começa acompanhando uma tribo desses homens-macaco que em uma manhã são visitados por um objeto estranho. Aparece no território deles um monolito, uma peça retangular tridimensional e negra, de formas perfeitamente retas, e com faces planas. No filme, os integrantes da tribo tocam o monolito com alvoroço, e em uma montagem paralela, uma cena revela um dos homens-macaco quebrando uma carcaça de ossos com um fêmur enquanto um animal (uma anta) cai como abatido em câmera lenta. No romance é claramente explicado que se trata de um artefato alienígena com o propósito de ensinar aqueles macacos a se tornarem inteligentes, mas nada disso é explicitado no filme, abrindo margem a interpretações, leituras.

Vendo, dessa forma, que os extraterrestres (deuses modernos) são responsáveis pela “criação” da humanidade, podemos atribuir uma descendência divina a todos os humanos, inclusive a David Bowman. Como afirma Vernant (1999, p.19): “embora o herói possua uma descendência privilegiada e sobre-humana, (...) sua carreira (...) é ameaçada por situações críticas.” E a carreira de Bowman (e também sua vida) é ameaçada pela viagem que ele faz a Júpiter, em que ele se depara com várias situações críticas.

Na segunda parte (tanto do filme quanto do romance), a humanidade já se encontra explorando a lua e outros planetas do sistema solar. Aqui, a personagem principal é o Dr. Floyd, cientista encarregado de examinar um objeto encontrado na lua. Acompanhamos o Dr. Floyd enquanto ele viaja pelo espaço no percurso entre a Terra e a Lua, em um “balé cósmico” das naves. Tudo é envolto em mistério, falsas histórias são contadas à imprensa; mas, chegando à lua, sabemos que o Dr. Floyd foi lá para ver um artefato encontrado enterrado na Lua há quatro milhões de anos, um monolito negro de exatas proporções, 1:4:9, em metros. O monolito, quando tocado pelo sol, emite um sinal de rádio muito forte.

Passamos então para Bowman e seu companheiro, Frank Poole, que estão em missão à Júpiter (no filme, Júpiter; no romance, Japeto, uma das luas de Saturno). Isso se passa 18 meses após o achado do monolito na Lua, chamado AMT 1. David Bowman é um astronauta muito capaz, comandante da missão, a primeira da espécie, para um planeta muito distante da terra. Ele teve anos de treinamento (o que é explicitado no livro, ficando implícito no filme) e tem experiência de muitas missões no espaço. A educação do herói é uma característica importante, que, conforme julgamos, traça um elo forte entre o passado de Bowman e o de Aquiles (e também de outros heróis míticos). Os dois tiveram educação privilegiada, ou seja, foram treinados pelos melhores professores. E, como menciona Vernant (1999, p.23): “Dado importante, para que o herói inicie seu itinerário de conquistas e vitórias, é a “educação” que o mesmo recebe...”

Somente Bowman e Poole estão acordados, os outros tripulantes (três cientistas) encontram-se em hibernação, em casulos controlados pelo sexto membro da equipe, o computador HAL 9000.

HAL é o sistema nervoso da nave, ele “imita” (ou mimetiza) o cérebro humano com mais velocidade e precisão. Ele mimetiza até sentimentos. HAL, visto aos olhos comuns, é um monstro, um Prometeu, uma besta mitológica, capaz de feitos inimagináveis para os humanos; ele possui “olhos” espalhados por toda a nave, controlando tudo perfeitamente.

HAL é o único que sabe do verdadeiro propósito da missão. Os outros são deixados ignorantes quanto a esse aspecto, para evitar que o segredo se torne público. Bowman e Poole viajam achando que vão apenas coletar informações sobre os planetas e seus satélites.

No romance, Bowman busca fama com essa missão; além do seu trabalho, ele deseja ficar famoso sendo o primeiro homem a chegar a ponto tão distante: “Tinha gozado intensamente a vida naqueles trinta e cinco anos e pretendia voltar a fazê-lo quando retornasse rico e famoso.” (CLARKE, 1977, p. 93). Essa vontade de ficar famoso em uma missão incerta nos lembra Aquiles, que procura a imortalidade e a fama na guerra.

No romance as personagens parecem ter emoções, embora estas sejam poucas, mas no filme eles são quase nulos de emoções, como demonstra Frank Poole ao receber uma

mensagem de aniversário de seus pais, distantes dele milhões de quilômetros; a indiferença de Poole é notável.

Embora não demonstrem emoções (e talvez por isso), Frank Poole, David Bowman e HAL se dão bem, jogam xadrez (HAL ganha sempre no filme; no romance, ele deixa os outros ganharem de vez em quando); HAL se interessa pelos desenhos de Bowman, e conversam todos juntos. Isso demonstra o respeito que cada um tem pelo outro; há um respeito entre Bowman e HAL, como o respeito de dois grandes guerreiros, embora sejam adversários. Da mesma forma, Aquiles termina demonstrando respeito pelo outro, quando devolve o corpo de Héctor ao pai. Na verdade, o respeito aos adversários é ponto comum na *Ilíada*.

David Bowman participou de inúmeras missões antes dessa, que é a mais importante de todas, e que vai determinar o resto da sua vida. Da mesma forma, Aquiles participou de inúmeras batalhas, mas a guerra de Tróia é a mais importante, a que vai torná-lo imortal na memória dos homens.

“Apesar da sua relativa juventude, Poole e Bowman eram veteranos de pelo menos uma dúzia de viagens espaciais. Naquele momento, porém, sentiam-se como se fossem principiantes. Estavam participando de uma experiência totalmente nova” (CLARKE, 1977, p. 86).

Em uma das conversas com Bowman, HAL o questiona a respeito do mistério em que foi envolta a missão e dos estranhos preparativos. Bowman não acha estranho, mas percebe-se que HAL está preocupado com o que os companheiros pensam sobre a missão. Nesse momento, HAL prevê uma falha na unidade AE-35, que controla a antena da nave, permitindo sua comunicação com a terra, ou seja, é uma peça muito importante.

Decidem trocar a peça e testá-la. No filme, Bowman é quem sai da nave para trocar a peça, que se localiza na antena, no exterior da nave; no romance, quem vai é Poole. Trocada a peça, fazem inúmeros testes e não percebem nada errado. Há mais algumas diferenças na narrativa, nessa parte, entre o filme e o romance; mas nos dois o resultado é o mesmo: cresce a insegurança de Bowman e Poole em relação a HAL, um defeito nele é reconhecido pelos cientistas na Terra, e a peça deve ser colocada de volta para saber se ocorrerá ou não um erro.

HAL é muito orgulhoso e não admite que tenha errado. No filme, Bowman e Poole entram numa cápsula para que HAL não os escute e conversam sobre o desligamento de HAL, caso a falha não ocorra; mas HAL consegue analisar o movimento dos lábios dos dois e entende a conversa. No romance, o desligamento é sugerido por mensagem vinda da terra, que HAL escuta na frente dos dois astronautas.

Poole vai trocar a peça (tanto no filme quanto no romance) e HAL controla a cápsula em que Poole tinha saído da nave, jogando-o no espaço aberto, no vácuo, matando Poole.

Aqui, temos outro ponto em comum entre Bowman e Aquiles: o inimigo de Bowman, HAL, mata seu único amigo, Poole; da mesma forma, Héctor mata Pátroclo, maior amigo de Aquiles. Mas não só isso: na *Ilíada*, no canto XVI, Pátroclo pede a Aquiles para ir à batalha com sua armadura; da mesma forma, Poole (no filme) veste a roupa de astronauta no lugar de Bowman e vai trocar a peça defeituosa; tanto Poole quanto Pátroclo morrem nesse momento em que se colocam no lugar do herói.

No filme, Bowman sai em busca de Poole, utilizando outra cápsula. Nesse momento, HAL desliga o sistema de hibernação dos outros tripulantes, matando todos. Quando volta, HAL não abre as portas da nave para Bowman, forçando-o a usar uma porta de emergência. Ele entra na nave sem o capacete, mas logo consegue pegar outro, pois HAL abriu as comportas, deixando a nave sem oxigênio no seu interior.

No romance, HAL abre as comportas e Bowman corre para colocar seu traje espacial, quase sufocando, e nesse mesmo momento HAL desliga o sistema de hibernação e mata os cientistas adormecidos.

Todos os tripulantes são, assim, mortos, restando somente Bowman, o que prova sua superioridade sobre os outros; além disso, ele tem a excelência sobre os outros humanos, pois, como astronauta, tem um treinamento que o torna um homem privilegiado, superior às outras pessoas. Esses traços são bastante comuns nos heróis míticos: "...a *timé*, a "honorabilidade pessoal" e a *areté*, a "excelência", a superioridade em relação aos outros mortais..." (VERNANT, 1999, p.23)

A partir daí as duas narrativas (do filme e do livro) se alinham. Bowman caminha para desligar HAL; quando está desligando a parte que corresponde à personalidade do computador, ou seja, quando o está matando, HAL implora para que Bowman não o faça. Da mesma forma, Héctor implora para Aquiles não o matar quando os dois lutam. Bowman mata HAL, seu inimigo, que havia matado, antes, seu único amigo, Frank Poole. Da mesma forma, Aquiles, no canto XXII da *Iliada*, luta com Héctor e o mata.

Aqui temos um ponto em comum com as narrativas míticas, em que o combate entre o herói e o adversário é descrito com detalhes, terminando na vitória do herói: "... a descrição dos combates singulares, a *aristéia* (que termina com o triunfo de um herói famoso sobre o seu poderoso adversário), constitui a mais antiga forma dos cantos épicos." (JAEGER, 1995, p.71)

O combate entre Bowman e HAL é justamente esse. Bowman, astronauta famoso na terra pela missão que está executando, luta contra HAL, seu adversário poderoso (tão poderoso que mata todos os outros tripulantes da nave), e o derrota no final. Essa superação de obstáculos, com risco de vida, é característica marcante do herói mítico: "... o herói tem que superar grandes obstáculos e até mesmo arriscar, por vezes, a própria vida..." (VERNANT, 1999, p.38)

Depois de matar HAL, Bowman recebe uma mensagem da terra, dizendo toda a verdade sobre a missão. A mensagem revela que foi encontrada a primeira prova da existência de vida alienígena inteligente, a AMT 1 (o monolito na Lua), e que do monolito foi enviada uma emissão de rádio para Júpiter (ou para Saturno, no romance), e que lá se encontra o seu destino. Bowman deve descobrir o motivo daquela emissão de rádio, e procurar mais provas de vida alienígena.

Na quarta parte do filme, David Bowman chega à Júpiter, onde encontra um monolito que orbita o planeta ou um de seus satélites. Ele vai até o monolito em uma das cápsulas, e entra no gigantesco artefato (chamado no romance de "portal das estrelas"), que se revela um portal para outro lugar no universo. David Bowman chega então a um mundo gigantesco, onde há uma espécie de porto espacial (no filme esse porto não aparece). E, mais na frente, chega ao seu destino.

No romance, David Bowman aparece, dentro da cápsula, em um quarto de hotel. Tudo no hotel é artificial, mas a reprodução é perfeita. Há tudo de mais normal num quarto de hotel, exceto as gavetas e as portas dos armários que são pura decoração. Bowman passa por toda a sua vida fazendo um percurso inverso ao do nascimento à morte, e chega ao estado de recém-nascido (ainda na mesma cama do quarto de hotel). Aparece um monolito, idêntico ao encontrado na Lua. Ele se transforma em um ser quase divino, volta à terra sem precisar do portal, em sua nova forma, chamada "starchild" (criança das estrelas⁴).

No filme, David Bowman chega ao mesmo quarto de hotel, mas já chega envelhecido. Ele se olha no espelho e estranha, vira-se e vê um homem muito mais velho sentado à mesa, comendo. É ele mesmo, muito mais velho. Ele derruba uma taça da mesa e se abaixa, vê então ele mesmo mais velho ainda, já perto da morte, numa cama, deitado. Aparece um monolito, que flutua a sua frente. Ele se transforma num feto envolto numa bola de energia, retorna então à Terra, e fica orbitando o planeta, como um satélite.

⁴ Na edição aqui utilizada do romance: "filho das estrelas".

Bowman, mesmo em sua morte⁵, possui traços do herói mítico. É fácil perceber como a definição de Angelo Brelich, citada por Vernant (1999, p. 19), vale para ele (Bowman): “...todo herói é uma personagem cuja morte apresenta um relevo particular e que tem relações estreitas com o combate, com a *agonística*, a arte divinatória e a medicina...”. E também Bowman tem uma morte na solidão: “... a morte do herói ou é traumática e violenta ou o surpreende em absoluta solidão” (VERNANT, 1999, p. 63). Além de Bowman ter uma morte relevante e estreitamente relacionada com o combate, ele possui (após a morte) uma “natureza sobre-humana” e aparece “como um ser monstruoso” (VERNANT, 1999, p.19), após sua transformação; ou, ainda, o herói morto transforma-se num ser quase divino, como David Bowman, que se transforma na “*starchild*”: “Desse modo, a morte do herói transforma-o em *daimon*, num intermediário entre os homens e os deuses...” (VERNANT, 1999, p. 65)

Se o destino de Bowman é interpretado não como uma transformação em um deus, mas como uma transformação num instrumento dos alienígenas, um ser manipulado, que é usado como ponte entre as duas raças⁶, há ainda uma relação direta com o herói mítico: “... após alcançar o vértice do triunfo com a superação de provas extraordinárias (...) o herói está condenado ao fracasso e a um fim trágico.” (VERNANT, 1999, p.19)

Conhecendo agora toda a história de David Bowman, podemos ver como a descrição de Vernant (1999, p.23) pode ser aplicada a ele: “Separando-se dos seus (...) o herói inicia suas aventuras, a partir de proezas comuns num mundo de todos os dias, até chegar a uma região de prodígios sobrenaturais, onde se defronta com forças fabulosas...”.

Outra citação de Vernant (1999, p.25) descreve perfeitamente o percurso da missão de Bowman aqui descrita:

“...o mito do herói segue normalmente o modelo da unidade nuclear exposto acima: a separação do mundo, a penetração em alguma fonte de poder e um regresso à vida, a fim de que todos possam usufruir das energias e dos benefícios outorgados pelas façanhas do herói.”

Em *2001*, Bowman separa-se do mundo, do planeta inteiro, penetra em um portal de estrelas, uma fonte de poder imensa, o mundo dos alienígenas, e regressa à vida, como imortal, voltando à terra para servir como ponte entre o diálogo dos humanos com os extraterrestres⁷.

Já traçamos alguns pontos em comum entre David Bowman e Aquiles e entre a narrativa de *2001* e as narrativas míticas; podemos agora sistematizar melhor essas características e incluir outras, para traçar um paralelo mais claro entre o herói de *2001* e os heróis míticos.

Um dos aspectos de que já falamos é a influência divina, tão presente nas narrativas míticas. Aquiles é filho de uma deusa com um mortal, e, dessa forma, possui descendência divina. A descendência divina de Bowman, como já dissemos, é proveniente da influência dos alienígenas (“deuses” para os homens) na formação da humanidade. Bowman, como todos nós, seria produto da criação desses extraterrestres que se assemelham a deuses, em seus poderes, em seu lar distante (os deuses míticos, no Olimpo; os alienígenas, em outros sistemas estelares ou até mesmo outras galáxias), e em sua postura modificadora da vida humana.

As mudanças que o monolito ocasiona no homem são grandes. Primeiro, o artefato dos extraterrestres transforma o homem-macaco do início da obra em um ser inteligente.

⁵ A morte de Bowman é mais uma passagem para outro estado (um estado quase divino) do que propriamente uma morte.

⁶ Essa interpretação aparece na seqüência do romance de Clarke: *2010: o ano em que faremos contato*. Mas não é a única interpretação possível para o romance *2001* ou para o filme.

⁷ Conforme o romance. No filme, isso não se encontra explícito.

Depois, o monolito envia um sinal de rádio para Júpiter, fazendo com que o homem saia de seus limites e faça uma viagem que culmina numa segunda transformação do ser humano, agora, não mais de homem-macaco em homem, mas de homem em super-homem (próximo do super-homem de que fala Nietzsche). “Os deuses intervêm em toda motivação das ações humanas.” (JAEGER, 1995, p. 80)

Mesmo sendo claramente colocado como artefato alienígena, o monolito pode ser interpretado (como constantemente tem sido) como uma representação de Deus. No filme, principalmente, não há como ter certeza de que se trata de um objeto de seres como nós, apenas mais evoluídos tecnologicamente e habitantes de outro planeta. Os alienígenas nunca aparecem, e tudo pode ser colocado no campo da metáfora, sendo o monolito a representação de Deus, o elemento que deu “vida” ao homem.

Embora o homem tenha sofrido forte influência dos alienígenas (“deuses”), ele parece ter possibilidade de escolha, pois poderia não ter seguido o sinal até Júpiter; e Bowman também poderia não ter entrado no portal das estrelas. Da mesma forma, isso ocorre na *Iliada*, como nos mostra Jaeger (1995, p.76):

“Homero concebe a *ate*, tal como a *moira*, de modo estritamente religioso, com força divina a que o homem mal pode resistir. No entanto, principalmente no Canto IX, o Homem aparece, senão como senhor do seu destino, pelo menos, em certo sentido, como co-autor inconsciente dele.”

Aquiles (e outros heróis míticos) e Bowman dividem também, além do que já foi dito, vários traços da personalidade. Os dois são corajosos; o herói que vai para a guerra não teme a morte (nem os riscos), assim como o astronauta em uma missão incerta, principalmente uma como a que Bowman realiza.

Tanto Aquiles quanto Bowman são bons, possuem nobreza. A bondade é uma virtude básica do herói mítico. Como aponta Ataíde (1974, p.39): “...para ser herói de uma tragédia, Aquiles tinha que ser bom, isto é, obedecer ao código da virtude heróica...”.

Outro traço semelhante entre Bowman e os heróis míticos é a sabedoria. Falando sobre o herói de Homero da *Odisséia*, Jaeger (1995, p.45) afirma:

“O seu herói é o homem a quem nunca falta o conselho inteligente e que para cada ocasião acha a palavra adequada. A sua honra é a sua destreza e o engenho da sua inteligência que, na luta pela vida e na volta ao lar, sai sempre triunfante em face dos inimigos mais poderosos e dos perigos que o espreitam.”

Assim é David Bowman, que demonstra muita inteligência ao lutar contra HAL, conseguindo desligá-lo, embora o computador comande toda a nave, como Davi enfrentando e vencendo Golias.

Aquiles e Bowman também dividem a insatisfação perante a vitória. Bowman não tem satisfação ao vencer HAL, chega até a demonstrar tristeza por aniquilar quem antes era seu amigo. Da mesma forma, faz Aquiles. Nas palavras de Jaeger (1995, p.74):

“Aquiles não fica satisfeito com a sua vitória sobre Heitor. Toda a história finda com a tristeza inconsolável do herói, com aquelas espantosas lamentações da morte de Gregos e Troianos perante Pátroclo e Heitor, e com a sombria certeza que o vencedor tem a respeito do seu próprio destino.”

Também é comum aos dois (Aquiles e Bowman) a imortalidade. Enquanto Bowman atinge a imortalidade real, tornando-se um deus, quase deus, ou super-homem, depois que morre; Aquiles se torna imortal na memória dos homens, como o grande

guerreiro que foi. “A maioria das narrativas heróicas do tipo épico são baseadas em noções de imortalidade alcançada através de atos heróicos que viverão na memória da raça.”⁸ (SCHOLES, 1968, p. 165)

O último ponto que vemos em comum entre o herói mítico e David Bowman é o regresso do herói, transformado; como Ulisses quando retorna quase irreconhecível, Bowman retorna totalmente mudado à terra, transformado em outro ser, verdadeiramente irreconhecível.

Entendemos, após essa análise, que David Bowman é um herói mítico moderno, um herói para o povo comum (por ser astronauta), que troca a armadura da guerra pelo traje espacial, e em cuja história os monstros são modernos, são computadores supercapazes, e os deuses são extraterrestres.

Vale lembrar que há duas pistas no romance que ligam a obra *2001* ao universo mítico, principalmente de Homero. Bowman, no início da viagem, lê Homero para passar o tempo: “[Bowman] Começara, também, a leitura da *Odisséia* que, entre todos os documentos do passado, parecia falar mais eloqüentemente aos seus sentimentos” (CLARKE, 1977, p. 102).

Em outra passagem, quando a mensagem sobre a verdadeira razão da missão é enviada a Bowman, é mencionada Tróia, nas últimas linhas: “... ‘Não sabemos se, uma vez chegado às luas de Saturno, encontrará o bem ou o mal. Talvez encontre apenas ruínas mil vezes mais antigas que as de Tróia’” (CLARKE, 1977, p. 169).

Essas duas passagens nos fazem ligar Bowman diretamente ao universo de Homero, ao universo do herói mítico, do qual, mesmo sendo um herói moderno, David Bowman faz parte.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Vicente. *A narrativa de ficção*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

CLARKE, Arthur C. *2001: odisséia espacial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

HOMERO. *Iliada*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HOMERO. *Odisséia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHOLES, Robert e KELLOGG, Robert. *The nature of narrative*. New York: Oxford University Press, 1968.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁸ Tradução nossa do original em inglês: “Most pre-Christian heroic narratives of the epic kind are based on notions of immortality through heroic actions which will live in the memory of the race.”.